

# COMO LEEM AS CRIANÇAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL?

Márcia Maria e Silva<sup>1</sup>

Neste texto<sup>2</sup>, objetivamos mostrar e analisar crianças bem pequenas em situação de leitura literária, no contexto de uma Unidade Municipal de Educação Infantil de Niterói, RJ. Realizamos um estudo de caso com observação participante em um grupo de crianças entre 4 e 5 anos. Buscamos compreender o lugar da literatura na formação de crianças leitoras e algumas implicações para uma educação literária, desde a Educação Infantil.

## Contexto

Recortamos 3'86" da parte final de uma roda de leitura<sup>3</sup>, realizada em 2014, com livros do Ziraldo. Trata-se do momento em que as crianças são orientadas a escolher, entre os livros apresentados, aqueles que querem ver de perto. Destacamos especificamente o diálogo entre duas meninas, Karina e Yasmim<sup>4</sup>, incluindo a participação breve de um menino e uma outra menina (Isaack e Ana Luysa). Ambas fazem uma leitura compartilhada do livro "Um amor de família", da Coleção Bichim<sup>5</sup>(2005). A professora informou que, antes desse dia, nenhuma criança havia sido apresentada ao livro escolhido por ambas.

## Descrição e análise da situação de leitura

Karina e Yasmin, sentam-se no chão, no cantinho da sala. Algumas mochilas por trás, imaginamos que podem incomodá-las, mas não... mantêm-se atentas ao livro com tudo que tem dentro. Importa não o que está escrito, mas o que captam das imagens, somado ao que já as constitui em seus ainda poucos anos de vida. A leitura se dá como um processo de criação que, segundo Vigotski (2009, p. 16), manifesta-se "já na mais tenra infância".

Compreendendo essa experiência de Karina e Yasmin como uma brincadeira de leitura na qual se implicam imaginação e criação de histórias, reconhecemos que o texto oral elaborado por elas traz mais do que a rememoração de um vivido. Ocorre uma "reelaboração criativa de impressões vivenciadas", como elucida Vigotski (2009, p. 17)

Assim vai se configurando a leitura com a mediações das próprias crianças alternando protagonismos, conforme as circunstâncias do instante que passa. Essa dinâmica se aproxima do que Corsaro (2011, p. 128) chama de "cultura de pares infantis", uma vez que a movimentação das crianças, suas escolhas, seus agrupamentos e discursos "representam um conjunto estável de atividades ou rotinas, artefatos, valores e preocupações que as crianças produzem e compartilham em interação com as demais".

Assim se dá a leitura:

Karina: E aí... o avô e avó — (Depois conserta...) A mãe...

---

<sup>1</sup> Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Rio de Janeiro, RJ, Brasil. E-mail: [marciamariaes@gmail.com](mailto:marciamariaes@gmail.com).

<sup>2</sup> Da tese Formação do leitor literário na Educação Infantil (ProPEd/UERJ, 2016).

<sup>3</sup> Também chamada Roda de Biblioteca. Consiste na exposição no centro da roda, na observação e na leitura de vários livros, neste caso, de um mesmo autor.

<sup>4</sup> O nome das crianças é original, tendo sido seu uso autorizado, por escrito, pelos respectivos responsáveis.

<sup>5</sup> Trata-se de um conjunto de frases diretas, no estilo cartilha, que se encadeiam pelo objetivo de ensinar a tradução da palavra amor em diferentes línguas e nomes que estabelecem relações de parentesco, identificando cada um desses parentes com características próprias (estereotipadas algumas): o primo que bate, o vovô que tem bigode, a tia com olhar vivo (com toque de sensualidade)...

Yasmin: A vó e a vó...

Em seguida, Yasmin balança a cabeça em negativa, consertando a indicação de gênero do substantivo:

Yasmin (apontando e tocando as imagens no livro que está nas mãos de Karina): O vó e a vó...

No colo de Yasmin há outro livro, fechado, da Coleção Bichim. Yasmin resolve colocar o seu livro embaixo do braço e continua olhando o outro aberto no colo de Karina:

Karina (segue, folheando): A vó... a vó não... O avô... queria namorar com a vó... — O bigodão...

Segue folheando:

Karina: O bigodão...

Ambas apontam para a imagem e dialogam sobre o que veem, até que se dá um breve impasse que leva Yasmin a puxar para si o livro:

Yasmin: Peraí... pera... peraí...

Nesse momento, Yasmin folheia até encontrar a página certa. Põe o dedinho na imagem, mostrando a Karina o bichinho com olho roxo. Encolhe seus ombros. Sorri. Karina toma de volta o livro, retrocede para a página onde estavam o vovô e a vovó e continua a lê-lo. Seguem na leitura oral página a página:

Karina: Era uma vez o vovô. E aí o vovô voltou... E aí... a mãe... E ele tava dormindo...

Chega a página destacada por Yasmin, que volta a contornar com seu dedinho o olho roxo do bichinho:

Karina: E ele tava com a cara assim... Aí a...

Yasmin (mostrando o ponto da página que lhe chamava atenção): Aqui aqui aqui.

Karina interrompe a narração e cruza os braços com a chegada repentina de Isaack. Ele aponta para os bichinhos, entrando na conversa da seguinte maneira:

Isaack: Ele [o de olho roxo] ia bate nele.

Karina rejeita a interferência de Isaack e nega a versão que ele dá à cena. Essa rejeição se confirma no gesto de encher a boca de ar fazendo suas bochechas ressaltarem, também no gesto descontente de cruzar os braços, ao mesmo tempo que curva um pouco o tronco para frente:

Karina: Não! — Ele [o bichinho ao lado] cuidou dele [do bichinho do olho roxo]. — E aí a mãe... falou pra ele “não pode” e ele tava dormindo... Ele machucou o olho do irmão dele...

Karina fecha o livro, fala algo para Isaack, que se afasta. No mesmo instante, ela dá sequência ao diálogo com ele, mesmo tendo-o rejeitado inicialmente:

Karina: Olha... o que aconteceu...

Isaack sai de cena e ela fica sem a interlocução direta com ele. Resolve, então, retomar a narrativa com Yasmin, que se mantinha quieta até então, observando os dois.

Karina: Era uma vez uma mulher e um homem... que tava com chapéu preto... Eles vão se casar... mulher...

Yasmin (tocando o bichinho que tem a seu lado um coração vermelho): Ele ele tá apaixonado.... Aí, a mãe autorizou... ele... o pai... namorá com ela... Ele namorá com ela...

Yasmin nota que Karina está apontando para as figuras de forma invertida ao que sua fala se refere. Por isso, Yasmin corrige Karina:

Yasmin (sempre com os dedinhos completando a narrativa): Não! Eela namorá com ele...

Karina (já tendo corrigido a referência): Aí ela não queria namorar com ele.

Virando a folha:

Karina: Aí o pai autorizou logo...

Yasmin, quando vê o bicho fumando, altera o tom de voz, parecendo demonstrar um misto de surpresa, censura e graça:

Yasmin: Ahhhhh ele tava fumaaando!!!

Karina: Ele tava fumando...

Karina repete a fala de Yasmin, que repete o gesto de Karina, que encosta na boca, na vertical, o dedo indicador e o médio, como que representando o homem fumando. Seguindo a narrativa:

Karina: E ele não tinha nariz... não tinha só boca [ querendo dizer “tinha só boca”]... não tinha... não tinha boca... o pai dela...

Nesse momento, os olhos de ambas se projetam para fora do livro, na direção de Ana Luysa que fala referindo-se a outro livro que mostrava a imagem do planeta Terra:

Ana Luysa: Olha gente, vou achar o Brasil, vou achar o Brasil...

Sem demora, retomam a narrativa:

Karina: A mãe dele tava cum **raiva!** Mas não era a mãe dele!! Era... Era...

Karina usa um tom de raiva na voz. Levanta os olhos, retrai as sobrelanceiras, faz um movimento com as mãos circulando em torno de si, leva os dedinhos aos olhos, esticando-os para fora. Yasmin a ajuda a dizer a palavra que ela tenta pronunciar com o gesto de esticar os olhos:

Yasmin: Japonesa...

Karina prossegue satisfeita com o acréscimo da informação sobre ser japonesa a personagem que ela tentava nomear.


Karina: Ela pega ele...

Ao virar a página, depara-se com palavras escritas com letras grandes. Torce o colo na direção de Yasmin, dizendo:

Karina: Olha aí... o “A”...

Tenta ler o que está escrito:

Karina (seguindo com o dedo onde havia escrita): AMÔ...

Completando a leitura, Yasmin toca e circunda, com seu dedinho, o coração vermelho, “EU  TIA”, como que confirmando ser aquela mesma a palavra lida ou a sua localização na página.

Karina: É ele.. é o filho... ele disse assim: Vô pensá... Ela...

Karina vira a página, percebe que é a última. Diz:

Karina: Acabou a história.

Fecha imediatamente o livro. Yasmin, em seguida, pega um dos livros que tem na mão e diz, objetiva:

Yasmin: Conta essa!

Assim seguem em uma nova leitura compartilhada com o mesmo envolvimento que dedicado à anterior. Observamos um investimento de não só falar o que veem nas imagens, mas de compor um texto narrativo com um conteúdo extratexto. Cada página é lida e encadeada com a página seguinte. Os nexos estão no contexto parcialmente verbalizado por elas, parcialmente presumidos na leitura visual compartilhada.

Era uma vez o avô e a avó. O avô queria namorar com a avó. Ele tinha um bigodão. Ele tava dormindo. Era uma vez o avô e a avó. E aí o vovô voltou (Yasmin havia virado a página, e Karina retrocedido. Por isso o vovô voltou a aparecer) Ele tava com a cara assim (olho roxo)... Ele (o de olho roxo) ia bater nele, Não!. Ele (o bichinho da maça) ia cuidar dele (do homem de olho roxo). E aí a mãe falou pra ele. Não pode. E ele tava dormindo. Ele machucou o irmão dele. Olha o que aconteceu... Era uma vez uma mulher e um homem que tava com chapéu preto. Eles vão se casar. E ele tá apaixonado. E a mãe e o pai autorizaram ela namorar com ele. Não. Era namorar com ele. Aí ela não queria namorar com ele. O pai autorizou logo. Ahhhh... Ele tava fumando!!! Ele não tinha nariz. Tinha só boca. O pai dela.

As crianças, valendo-se das regras de composição do texto narrativo (a que tiveram acesso na escuta de inúmeras histórias), passam a usá-las por repetição de alguns elementos recorrentes: a apresentação dos personagens (vô e vó), o problema (a briga, o ato de fumar), a caracterização dos personagens (não tinha nariz, não tinha boca), o casamento (clímax), A introdução com “Era uma vez”, típica das narrativas literárias, o desfecho com a frase “E acabou a história”.

As crianças narradoras, oniscientes, usam também o discurso indireto livre, trazendo as emoções das personagens para o corpo da palavra como se fossem suas. Nisso está o segundo ponto a ser destacado. De fato, podemos inferir, do texto produzido por Karina e Yasmin, que ambas expressam suas próprias experiências, representativas da cultura familiar e local, naquele momento, atribuídas às personagens apresentadas pelas imagens:

À medida que as crianças se aventuram para longe da família, elas apontam para direções específicas, preparam-se para a interação com diferentes orientações interpessoais e emocionais, e recorrem a recursos culturais particulares todos derivados de experiências anteriores em suas famílias (CORSARO, 2011, p. 130).

Consideramos, também, para análise do texto narrativo produzido por ambas, as três fontes primárias da cultura simbólica da infância: “a mídia dirigida à infância”, “a literatura infantil”, além dos “valores míticos e lendas” (CORSARO, 2011, p. 134), efeitos que a circulação, a apropriação e a transformação das informações veiculadas por essas fontes vão gerando na formação da vida para além da cultura familiar.

As imagens femininas do livro não trazem expressões de raiva, conforme disse Karina. É possível que a menina tenha vivenciado uma situação imaginária ao ler o livro, aproximando seu texto oral fictício a um texto já ouvido em situação real? Vigostki (2008, p. 28) diz: “Se a criança faz o papel da mãe, então ela tem diante de si as regras de comportamento da mãe”.

Expressões faciais ou corporais das autoras/narradoras acrescentavam dados para a descrição de aspectos subjetivos ou contextuais da cena. A escrita, representada como imagem (letras bem maiores, do tamanho das imagens apresentadas nas outras páginas), levou ao reconhecimento da letra A e à imediata associação à palavra “amor”.

Vigotski (2009, p. 17), ao recontar uma situação<sup>6</sup> vivenciada por uma criança de 3 anos e meio, a propósito da história que ela cria, quando vê um homem com a perna machucada, assim se manifesta:

Todos os elementos dessa situação, é claro, são conhecidos por ela de sua experiência anterior, pois, do contrário, ela nem poderia criá-la. No entanto, a combinação desses elementos já representa algo novo, criado, próprio daquela criança, e não simplesmente alguma coisa que reproduz o que ela teve a oportunidade de observar ou ver. É essa capacidade de fazer uma construção de elementos de combinar o velho de novas maneiras, que constitui a base da criação.

A formação do leitor literário na escola se dá nessas interações infantis, mediadas pela professora, pelos livros, pelas histórias, pelas crianças. O sucesso da atividade, isto é, a esperada leitura em ato, não se concentra nas mediações da professora, no planejado, nas performances dos adultos. A leitura se dá no que decorre com as crianças, em contextos cuja ambiência e instigação provocada pelas mediações favorecem, mas não substituem, a atividade que somente o leitor realiza.

---

<sup>6</sup> Situação está contada por Ribot, citado por Vigotski.

Isso nos faz constatar que as expectativas geradas pelos adultos para qualquer atividade de leitura corresponderão ao que as crianças decidirem realizar, nesse processo de imaginar e criar. O que intenciona o adulto, quando organiza eventos de leitura, é ponto de partida, mas não define o processo nem os resultados completamente, porque estes são direcionados pelas crianças também, o que implica contar com o inesperado, o diferente. Forçar a criança a corresponder ao planejado, fazendo-a esperar, silenciar, redirecionar suas vontades e ações pode levar ao seu silenciamento e à confirmação de sua invisibilidade na escola.

Na leitura das crianças<sup>7</sup> Karina e Yasmin, observamos uma nova sequência lógica e uma outra consistência narrativa. Essa é uma constatação feita a partir da observação da fusão do livro e a história contada pelas duas meninas a partir da leitura. Juntas, as crianças compõem sua história enquanto folheiam, enquanto apontam e observam as imagens, enquanto leem. Há um imbricamento de narrativas muito coerente, que nos dá indícios a respeito do efeito dessa experiência de leitura, provocada pelo livro como mediador da produção das crianças.

A fantasia, a emoção, a ludicidade são detectáveis não no livro, mas no texto construído pelas crianças. Nesse ato criativo, parece residir a leitura literária, o poético da criança, “a língua em estado de infância” (COUTO, 2008), e não no conteúdo do livro nem propriamente no tratamento estético dado às palavras, o que no livro lido não prepondera.

O poético decorre do encontro das crianças com o texto, que não é o texto propriamente escrito pelo autor, mas o que foi provocado, na junção dos elementos materializados no objeto livro (perceptíveis para as meninas) e os conteúdos culturais acessados no ato da projeção do olhar interessado em apreender da imagem algo que lhes diga, que lhes faça sentido. Esses sentidos se produzem dos conteúdos prévios, em perspectiva histórico-cultural, acionados pelos conteúdos apreendidos do livro naquele momento específico e não necessariamente em outro momento.

Meireles (1984, p. 32) confere protagonismo às crianças; e à literatura, o papel de instrumento e resultado do processo de formação humana: “A literatura não é, como tantos supõem, um passatempo. *É uma nutrição*”.

A literatura é nutrição porque atua em uma instância de formação subjetiva, sensível, estética. A escola, não tendo como medir e quantificar essas experiências subjetivas, pode vir a não as dimensionar sob os mesmos critérios de importância que fazem com outras de visibilidade e materialização mais evidentes.

## Referências

CORSARO, William A. **Sociologia da Infância**. Porto Alegre: Artmed, 2011.

COUTO, Mia. **O gato e o escuro**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

MEIRELES, Cecília. **Problemas da literatura infantil**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

VIGOTSKI, L. S. **Imaginação e criação na infância**. São Paulo: Ática, 2009.

ZIRALDO. **Um Amor em família**. São Paulo: Melhoramentos, 2005.

---

<sup>7</sup> O livro em questão não faz parte das listas de livros recomendados do PNBE entre 2008 e 2014.